

A identidade cultural na pós-modernidade¹

Paulo Fernando Araujo de Melo Cotias
Mestrando da Universidade Estácio de Sá
paulocotias@bol.com.br

... Todas as relações fixas e congeladas, com seu cotejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo o que é sólido se desmancha no ar...

Marx e Engels, 2000.

As palavras de Marx e Engels, ainda que pertencentes em sua gênese a uma outra temporalidade soam de modo familiar no contexto existencial da contemporaneidade. A revolução das telecomunicações nos aproxima daqueles que outrora se encontravam em distâncias intransponíveis. As relações de produção e consumo se transformaram, de modo a nos pensarmos como pertencentes a uma grande aldeia global. O fenômeno da globalização, decantado em suas peculiaridades no fim do século passado, em comparação com processos similares realizados ao longo da história, se impõe como uma ordem quase que natural, imperiosa e irreversível. Trata-se de um marco em termos de temporalidade e historicidade, uma vez que se instala não apenas um estágio progressivo do período moderno, mas configura-se numa ruptura paradigmática, tendo como um dos efeitos mais proeminentes, uma crise na construção identitária em escala global.

Este período e esta crise são diferentes daqueles do passado, porque os dados motores e os respectivos suportes, que constituem fatores de mudança, não se instalam gradativamente como antes, nem tampouco são o privilégio de alguns continentes e países, como outrora. Tais fatores dão-se concomitantemente e se realizam com muita força e em toda parte. (Santos, 2001, p. 34).

O estudo da crise das identidades individuais e coletivas na pós-modernidade, tendo como pano de fundo a questão da globalização, estruturam o presente trabalho, uma

¹ HALL, Stuart. Rio de Janeiro, DP&A, 1998.

breve resenha das principais idéias de Stuart Hall² acerca do tema, desenvolvidas em sua obra, “A identidade cultural na pós-modernidade”.

O autor analisa a crise de identidade instalada no interior do que qualifica de pós-modernidade. Esta crise é caracterizada como parte de um amplo processo de mudança, no qual se assiste a um abalo nos alicerces do edifício das referências estáveis, as quais ofereciam segura ancoragem no mundo social de outrora. A obra estrutura-se basicamente em duas partes, sendo a primeira dedicada a analisar as mudanças nos conceitos de identidade e de sujeito, e a segunda a relacionar este processo às identidades culturais. O argumento utilizado é o de que, ao final do século XX, assistimos a uma mudança estrutural na sociedade tanto no nível da produção material, quanto nas comunicações e nas representações simbólicas. Para o autor, estas mudanças levam ao surgimento da fragmentação do sujeito (identidade) em múltiplas paisagens culturais, como o gênero, sexualidade, etnia, raça, nacionalidade, entre outros, que se encontravam, anteriormente, mais fortemente arraigados e definidos, o que gerava a impressão de solidez quanto às localizações sociais. Tal fenômeno é entendido por Hall e também por outros como Birman e Bauman, como um processo de deslocamento ou descentração do sujeito. Apesar de ter nas identidades culturais o objeto central de seu estudo, Hall não define os conceitos de identidade e cultura que referenciam a análise, tendo dessa forma, como ponto de partida, um momento (pós-modernidade) de crise das identidades individuais e coletivas. O pano de fundo apontado é o da globalização, outro conceito que também não é definido em sua inteireza, apenas apontado como processo de transformação que se apresenta de forma dinâmica, seja nos modos de produção e consumo, seja da ciência, tecnologia e idéias.

O autor não qualifica esta crise das identidades como algo necessariamente ruim. O termo crise é melhor entendido numa perspectiva dialética, na construção do “estar-ser” e do “vir-a-ser” nos diferentes grupos sociais. Ao realizar comparações com outros períodos da história, o autor deseja mostrar que, na pós-modernidade, os referentes culturais são mais numerosos, possibilitando, dessa forma, diversas possibilidades de construções identitárias, que se realizam tanto na esfera individual, como na coletiva, por exemplo, nas sínteses culturais advindas das diásporas / migrações.

Para definir o recorte de sua análise, o autor utiliza-se de dois termos, pós-modernidade e modernidade tardia. Contudo é importante ressaltar que os conceitos, aqui apresentados como sinônimos, pertencem a duas esferas distintas de pensamento. O termo pós-modernidade é construído nos meios acadêmicos norte-americanos, tendo como ponto central a idéia de ruptura com a modernidade, ou seja, o que está em jogo é um novo projeto identitário, inscrito em bases culturais distintas do período histórico anterior.

² Professor da Open University, Inglaterra. Fundador do Centre for Contemporary Cultural Studies, da Universidade de Birmingham. Eminentíssimo pesquisador da área das Ciências Sociais, autor de “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade”, entre outras publicações.

Já o termo modernidade tardia é uma construção europeia, onde se entende que os ideais da modernidade são radicalizados, sem haver, contudo, uma ruptura fundamental. Isso se explica por ser a modernidade uma criação europeia, onde matrizes identitárias tem suas bases no nascedouro desse período. O termo aponta para uma idéia não de transformações ou rupturas, mas de mudanças que acompanham o contexto sócio-cultural.

Porém, ao utilizar estes dois termos de modo análogo, o autor aponta para um processo de descentramento do sujeito. No pensamento de Birman encontramos conceito semelhante, ao falar dos operadores do deslocamento do sujeito, tendo como base as teorias de Marx, Nietzsche, Heidegger e Freud.

Para a análise da crise de identidade na pós-modernidade, Hall caracteriza o sujeito em três fases distintas da história, o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno.

O sujeito do iluminismo baseava-se numa concepção de pessoa como indivíduo centrado, unificado, cuja razão era o atributo essencial no uso da consciência e da ação. A idéia de indivíduo centrado supõe um núcleo interior inato, que se desenvolve ao longo do tempo ainda que conservando suas características essenciais. *“O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa”*³.

No viés sociológico, a construção da identidade ocorre na interação entre o indivíduo e a sociedade. Esta noção reflete a complexidade estrutural do mundo moderno, incluindo o esgotamento da noção de auto-suficiência, pois o núcleo interior do sujeito era formado pela interação com outros agentes que *“(…) mediavam para o sujeito valores, sentidos e símbolos – a cultura - dos mundos que ele/ela habitava”*⁴. Apesar do sujeito ainda conservar seu núcleo, este não é imutável, pelo contrário, é profundamente modificável através das influências exteriores.

Ao chegarmos à modernidade tardia, aurora da pós-modernidade, novos paradigmas se abrem. O sujeito, antes entendido como unificado e estável, fragmenta-se numa multiplicidade de identidades possíveis, sendo que muitas delas podem estar em contradição com relação às demais.

Começa a ser questionada e superada, dessa forma, a idéia de um eu coerente, pois as identidades podem ser assumidas de acordo com a representação cultural que envolve o sujeito. O assumir uma identidade ganha os contornos da transitoriedade. As construções e as desconstruções tornam-se um exercício dinâmico, tendo como cenário a velocidade das múltiplas manifestações culturais. Esse fenômeno parece ganhar maior alcance com a globalização, na qual a interconectividade põe, frente a frente, olhares, símbolos, sentidos e identidades, de sociedades que, sem esta forma de comunicação, estariam isolados. O que caracteriza as sociedades da modernidade tardia é a diferença. Dentro do corpo social os antagonismos produzem múltiplas formas de manifestação da cultura e múltiplas formas de posicionar-se, enquanto sujeito identificado, frente a elas.

³ Hall 1992.

⁴ Idem.

Ao analisar o nascimento e a morte do sujeito moderno, Hall traça um panorama histórico, mostrando que nos tempos pré-modernos as identidades tinham forte enraizamento, eram estáveis, graças às estruturas e tradições. Tal paradigma foi quebrado pela modernidade, que passa a oferecer múltiplas formas de construção da identidade e da subjetividade.

Ruptura importante foi o surgimento do “indivíduo soberano” à época do Humanismo / Iluminismo. Também tiveram papel importante a Reforma Protestante e as revoluções científicas. Emerge da modernidade uma concepção mais social do sujeito, formado no interior das grandes estruturas que a sustentam. A sociologia traz outra contribuição relevante ao afirmar que a formação subjetiva dos indivíduos é fruto de suas participações em relações sociais mais amplas, as quais, por sua vez, sustentam estas mesmas estruturas através de suas práticas individualizadas e coletivas. Trata-se de uma visão interativa.

O autor elege cinco marcos que, segundo ele, atuaram de modo decisivo no processo de descentração do sujeito cartesiano: o pensamento marxista, a descoberta do inconsciente, o trabalho empreendido por Saussure na área da lingüística, a obra de Foucault, e, finalmente, o movimento feminista. O pensamento marxista exerceu um particular fascínio na década de 60, dando continuidade ao movimento revisionista, tendo como ênfase a afirmativa de que a faculdade humana de fazer história estaria vinculada às condições disponíveis aos indivíduos, o que de certa forma contraria o pensamento em voga em outros períodos históricos, segundo o qual o indivíduo seria o autor ou agente da história. Este movimento se dá com o aproveitamento e com as limitações da herança social e cultural das gerações anteriores. Combate à noção de essência.

A teoria proposta e consolidada por Freud aponta para o fim da crença num sujeito cuja identidade era fixa e unificada. Quebra o paradigma da individualidade cognoscente e racional, uma vez que os processos de formação de nossas identidades, bem como a estruturação de nossos impulsos e desejos decorre de uma dinâmica diferente da racionalidade, possuindo lócus próprio. Segundo estudiosos da psicanálise, como Lacan, a imagem unificada do eu é algo gradualmente aprendido pela criança em suas experiências cotidianas, mas não se trata de algo que preexiste no sujeito. Apesar do indivíduo encontrar-se partido com relação às múltiplas identidades possíveis, sua busca e sua crença, ainda que ilusória, é a de sua identidade unificada (resolvida). Segundo esta teoria a identidade pode ser múltipla e esta sempre em processo de formação, pois sempre poderemos adicionar biografias que nos possibilitem a idéia, mesmo que efêmera, de plenitude.

Para Saussure, os indivíduos não podem ser autores das afirmações que fazem, pois só devido ao fato de que a língua é um código pré-determinado e que se estabelece como hegemônica, os condiciona a um universo igualmente delimitado de expressão de seus pensamentos, posicionados dentro do sistema social e cultural. A língua é uma herança que, ao ser utilizada, já carrega uma gama variável de sentidos, todos eles não percebidos, pois temos a língua como uma construção, que na verdade se apresenta sob a força coercitiva da participação numa cultura letrada.

Ao tratar do que podemos denominar de genealogia do sujeito moderno, Foucault nos apresenta, fruto de suas análises, uma nova forma de poder que estará fortemente presente sobretudo na construção deste sujeito da modernidade, o poder disciplinar. A regulação, vigilância, controle, capilariza suas práticas e alcança o corpo do indivíduo, no sentido de torna-lo dócil, ou seja, útil e maleável segundo as necessidades desse poder. Com essa finalidade são criadas ou aprimoradas instituições de ortopedia social, como a escola, os hospitais, os manicômios, os quartéis, clínicas, entre outros. Mesmo que o poder disciplinar seja fruto de instituições coletivas, seu alcance vai de encontro ao corpo, dentro da idéia de microfísica do poder.

O movimento feminista vem imbuído de dois aspectos: é uma crítica teórica e um movimento social. Insere-se num contexto em que a sociedade passava a se organizar numa multiplicidade de movimentos, cada qual dotado de identidade própria. Cada um destes movimentos tinha forte apelo à identidade e a identificação de seus membros. O feminismo também promove um descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico ao aliar a individualidade ao ato político, trazendo para o debate temas até então relegados a segundo plano. Surgem novas subjetividades e novas identidades sociais como as de gênero, pais e filhos, entre outros.

Tendo como base as construções teóricas acerca do processo de fragmentação dos sujeitos na modernidade tardia, o autor passa a tratar de como este sujeito se insere em termos de identidades culturais. O objeto de análise é a identidade nacional.

De início se encontram-se descartadas as tendências que acreditam que as identidades nacionais são elementos que pertencem à nossa natureza essencial. As metáforas que evocam a genética ou algo adquirido na gênese do sujeito tornam-se frágeis, posto que as identidades são formadas no interior da representação, ou seja, no processo de interação com os outros sujeitos sociais, que ao agirem como alteridade, produzem os marcos delimitantes do eu, mas de modo paradoxal, oferecem a possibilidade de enxergarmos os elementos representacionais que nos aproximam. Para melhor clarificar a relação entre identidade nacional e a cultura, o autor nos remete a Schwartz, que aponta a contribuição que a formação de uma cultura nacional oferece para a criação de padrões, sustentados por instituições sociais, formando uma comunidade simbólica capaz de gerar sentimentos de identidade e lealdade.

Para o autor é ferramenta fundamental para a análise das identidades nacionais o próprio processo de criação das nações. É sabido que as nações não surgem de modo homogêneo ao longo da história. Muitas delas são fruto de estratégias de dominação cultural, empreendidas pelo uso da força, de modo a garantir o estatuto de unicidade a grupos que são notadamente diferentes. É a supressão da diferença. Contudo, outros alicerces são necessários, como a constituição da nação como comunidade imaginada que se fundamenta, segundo Hall, em cinco elementos principais:

Primeiramente temos a narrativa da nação, de modo a nos oferecer a sensação de estarmos interconectados a um destino maior que nos antecede e passa. “*Essas*

forneem uma s3rie de est3rias, imagens, panoramas, cen3rios, eventos hist3ricos, s3mbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experi3ncias partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que d3o sentido 3 na33o". (Hall, 1998. p. 52). O segundo elemento caracteriza-se pela 3nfase nas origens, na continuidade, na tradi333o e na atemporalidade, que refor3am os elementos da narrativa acima descrita.

Os outros dois elementos se caracterizam pela inven333o das tradi3333es, conceito cunhado pelo historiador Hobsbawm, que nos mostra que muitas das tradi3333es ditas de um passado remoto e que se pretendem materializar um passado que sirva de alicerce aos interesses contempor3neos s3o, muitas vezes, cria3333es conscientes e com finalidades bem definidas. Finalmente, observamos que, na narrativa da cultura nacional, o mito fundacional desempenha o papel de localizador da origem da na333o sob um tempo definido apenas em seus contornos mitol3gicos. 3 3 um constante equilibra-se entre o desejo de um retorno a um passado glorioso somado a um prosseguimento do cotidiano, projetando um futuro condizente com estas imagens.

A id33ia de unicidade sob o signo da grande fam3lia nacional 3 desconstru3do por Hall, pois ele considera que esta estabilidade encontrada nos mecanismos de lealdade, uni3o e identifica333o simb3lica precisa ser relativizada 3 luz de tr3s aspectos: a) a unifica333o de muitas culturas foi realizada pelo interm3dio da for3a e da supress3o das diferen3as; b) internamente as na3333es se dividem em diferentes classes sociais, grupos 3tnicos, grupos de g3neros entre outros agrupamentos poss3veis; e c) muitas na3333es surgiram sob a 3gide e influ3ncia da fragmenta333o de grandes imp3rios hist3ricos. "*Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, dever3amos pens3-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferen3a como unidade ou identidade*" (Hall, 1998, p. 62). Essa unifica333o 3 fruto do exerc3cio de um poder cuilural.

A partir destas considera3333es, chegamos ao questionamento final apresentado pelo autor: o que estaria deslocando de modo t3o incisivo as identidades culturais nacionais, no final do s3culo passado ?

Que impacto tem a 3ltima fase da globaliza333o sobre as identidades nacionais ? Uma de suas caracter3sticas principais 3 a compress3o espa3o-tempo, a acelera333o dos processos globais, de forma que se sente que o mundo 3 menor e as dist3ncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar t3em um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande dist3ncia. (Hall, 1998, p.69).

A resposta a esta indaga333o pode ser encontrada no termo globaliza333o. Como conseq333ncias desta globaliza333o, observamos a uma desintegra333o das identidades nacionais em nome de uma homogeneiza333o cultural, que nos atribui identidades generalizantes como a de consumidores de determinados produtos e servi333os, ou de pertencentes de uma aldeia global. Este efeito est3 intrinsecamente ligado 3 transforma333o do modo de produ3333o capitalista que, em escala cada vez maior, transforma bens de cultura em bens de consumo, criando novos mercados e

polarizando os locais de produção. Uma outra tendência aponta para mecanismos de resistência à globalização, manifestada no reforço as identidades locais. Esta resistência pode ganhar contornos extremos como o surgimento de guetos ou até mesmo a consolidação de Estados ou grupos fundamentalistas.

Finalmente, um terceiro efeito da globalização seria o surgimento de novas identidades, denominadas híbridas. Um dos fatores percebidos pelo autor, que torna-se exemplar, é o da diáspora. Com as crescentes migrações forçadas pelas conjunturas históricas e pelo apelo do consumo, os espaços sociais se configuram pela multiplicidade de pequenos grupos étnicos dentro de um contexto “nacional maior”. Ao incorporar a cultura hegemônica, se valem do mecanismo da tradução, ou seja, a busca por uma síntese entre sua cultura original e a que faz e fará de modo duradouro, parte de seu cotidiano.

À guisa de conclusão, ainda que provisória, temos que a pós-modernidade exerceu um profundo impacto nas crenças identitárias da modernidade, favorecendo um descentramento dos sujeitos e a busca por novas identidades que se encontram em um contínuo processo de construção, frente a uma gama extensa de possibilidades. Em termos mais gerais, percebemos o mesmo processo com relação às identidades culturais, tendo como sujeito as nações, que encontram, no processo de globalização, o elemento desarticulador e re-articulador das múltiplas sínteses ou resistências que configuração as identidades possíveis em nossa contemporaneidade.

Contudo, ainda subsiste o espaço para a discussão e construção de conceitos como: identidades, culturas, globalização, e como eles se articulam tendo como pano de fundo a história. Seria interessante, também, uma análise do como operam os fatores elencados pelo autor como responsáveis pelo processo de descentramento, ou seja, de que forma atuam e se naturalizam nas práticas cotidianas. Tais definições são de fundamental importância e não deveriam passar despercebidas, sob a pena de se transformar um tema complexo, numa suave fotografia dos tempos atuais.

Bibliografia.

BAUMAN, Zygmunt. *O Mal Estar na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 1998.

BIRMAN. Joel. *Mal-Estar na Atualidade*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1998.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós Modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopez Louro. 2ª ed. Rio de Janeiro. DP&A. 1998.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *O Manifesto Comunista*. Paz e Terra. São Paulo. 2000.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record. 2001.